

O regresso improvável à guerra convencional

Há um ano, a Rússia iniciou uma “guerra híbrida” na Ucrânia. De um lado há batalhas no terreno, com tropas na linha da frente. Do outro, um conflito invisível com *drones* e ciberataques

Sofia Neves

As botas de Petro enterravam-se na lama espessa a cada passo que dava. O soldado ucraniano esteve entrincheirado não muito longe das posições russas no Donbass e contou com naturalidade à agência Reuters que a sua unidade teve de usar baldes para limpar os túneis alagados. O soldado, que se aquecia num abrigo perto das trincheiras, diz que a chuva e a geada só vieram dificultar a vida da unidade. “Isto parece um pântano”, lamentou o soldado de 35 anos.

Na província de Donetsk, outra unidade ucraniana estava de guarda perto de Krasnohorivka. Oleksandr, de 26 anos, explicava que havia “electricidade”, assim como “chá” e “refeições quentes”. “Dá para viver uma vida normal”, dizia, enquanto mostrava a trincheira onde morava com os seus companheiros. Ali muito perto, a menos de 600 metros, soldados russos disparavam armas ou lançavam granadas de forma constante.

Quando pensamos em trincheiras, em ataques constantes, em cidades destruídas ou em milhões de soldados mortos nas linhas da frente, é inevitável pensar nas duas grandes guerras mundiais. Mas a guerra na Ucrânia, iniciada há exactamente um ano pela Rússia, acabou por se transformar num regresso improvável a este tipo de guerra convencional.

“Vemos, diariamente, que há uma componente de regresso a uma guerra convencional no sentido da utilização de armamento convencional. Sabemos que as trincheiras existem e que os soldados estão a lutar numa guerra de defesa da Ucrânia”, diz Patrícia Daehnhardt, investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI). E isto também é visível no tipo de armamento enviado pelos países que apoiam a Ucrânia: sistemas de defesa antiaérea, tanques de defesa e de combate, mísseis e milhares de munições.

Daehnhardt afirma que vai ser preciso continuar a natureza desta guerra, que para já é uma “combinação de elementos”. Há uma guerra travada diariamente no terreno, pelas tropas que estão na linha da frente, e há o outro lado: a utilização de *drones* e os ciberataques. “Fez parte da estratégia

ofensiva da própria Rússia nos últimos anos recorrer a instrumentos de ciberataques aos países da zona da Europa de Leste”, aponta.

Também Maria Francisca Saraiva, professora de Relações Internacionais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, diz que o conflito na Ucrânia parece ter “preservado algumas das características” das típicas guerras do século XX. “Seria de esperar para uma guerra travada com armas do século XXI, com manipulação dos *media*, desinformação, ciberataques, forças irregulares, *drones*, armas de precisão. Mas a verdade é que as dinâmicas do século XX continuam muito presentes: ataques com tanques e tropas, guerra urbana, luta pela supremacia aérea e pelas linhas de abastecimento, mobilização em massa de tropas e produção de armas. Ainda assim, esta ‘guerra híbrida’ tem na guerra convencional propriamente dita um eixo fundamental.”

Retorno às armas

A docente refere ainda que, no início deste século, entende-se que os russos, “em especial”, travam “guerras híbridas no sentido em que privilegiam as dimensões não militares da guerra”. Exemplos desta dinâmica são a coacção económica (a questão do gás), a dimensão política (nacionalismo) e o recurso à informação (batalha pela narrativa), “combinando-os com ataques cibernéticos e com o emprego de forças irregulares”.

A prova de que a Rússia está a levar a cabo uma “guerra híbrida” está nos números divulgados na semana passada pela Google. Entre 2021 e 2022, a Rússia atacou as páginas de mais de 150 entidades militares e governamentais da Ucrânia que tinham os domínios gov.ua e mil.gov.ua. Os alvos incluíam militares ucranianos e organizações diplomáticas, bem como agências governamentais que gerem infra-estruturas críticas, serviços civis e gestão de emergência. Os ministérios da Defesa e dos Negócios Estrangeiros foram dos mais atacados.

Além disso, revela a Google num relatório exclusivamente sobre a ameaça cibernética no conflito, em 2022, a Rússia aumentou os ataques a utilizadores na Ucrânia em 250% em relação a 2020. No mesmo período, os ataques a utilizadores de países

da NATO aumentaram 300%.

“A Rússia não tem escrúpulos em recorrer a qualquer tipo de armamento, qualquer tipo de instrumentos de desinformação e de ciberataques, de abuso de armamentos de cariz tecnológico”, diz Patrícia Daehnhardt, dando o exemplo dos *drones* de fabrico iraniano que a Rússia comprou e das constantes ameaças de que poderá usar armas nucleares contra a Ucrânia. “Nós, na Europa, também não devemos ter ilusões. A guerra que está a ser travada na Ucrânia é uma guerra que a Rússia está a levar a cabo perante um país soberano e seu vizinho, mas também é reveladora da estratégia ofensiva de um Estado revisionista que, face ao mundo livre, tem intenções de minar as nossas democracias”, aponta.

Para Bernardo Fazendeiro, investigador no Centro de Estudos Sociais e professor auxiliar em Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a ciber guerra é mais um elemento, mais uma camada que se vai juntar ao conflito armado. “Esta guerra tem muito de guerra tradicional porque é sobretudo uma batalha territorial. Se olharmos para o Afeganistão, por exemplo, o objectivo, apesar de territorial, era sobretudo uma guerra de contra-insurgência. Embora o território fosse um elemento importante, não era o preponderante. No caso do conflito da Ucrânia, como é uma guerra de aquisição de território, os meios que vai mobilizar têm que ser bastante mais abrangentes e mais complexos. E é sabido que os conflitos armados vão-se transformando em parte devido ao desenvolvimento tecnológico, mas também em relação aos objectivos políticos dos Estados ou das entidades que estão a combater”, diz.

Ao longo dos quase mil quilómetros de linha da frente que atravessa o Sul e o Leste da Ucrânia, o exército de Kiev lança, de acordo com as estimativas de vários serviços secretos ocidentais citados pelo *El País*, entre 30 mil e 40 mil projectéis de artilharia pesada por semana, uma quantidade que actualmente está em falta em vários países da Aliança Atlântica. Algumas estimativas menos conservadoras apontam para que a Ucrânia esteja a disparar mais de cinco mil tiros de artilharia todos os dias – o equivalente ao que dispararia um

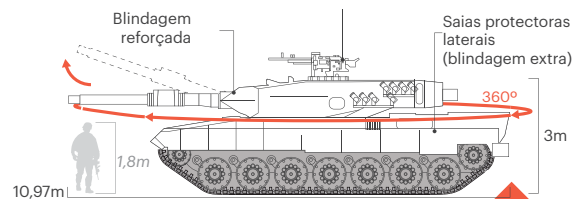
Os blindados ocidentais que podem ajudar

Carro de combate Leopard 2 A6

Aliando as capacidades de combate, mobilidade e autonomia e o seu sistema defensivo, este é considerado um dos melhores carros de combate do mundo.

Canhão com 6,6m, calibre 120mm, que pode elevar-se a 20°

Dois metralhadoras antiaéreas de 7,62mm



Tripulação: 4 militares

Países doadores



Alemanha	14	Canadá	4
Polónia	14	Portugal	3
Noruega	8		
Espanha	10		

53

Prometidos

Velocidade máxima: 68km/h

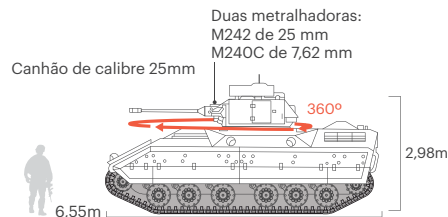
Motor: Diesel (12 cilindros)

Autonomia: 500km

Peso: 60 toneladas

Carro de combate M2 Bradley

Criado e primeiro produzido nos Estados Unidos na década de 1980, o M2 é um carro de combate de infantaria poderoso e flexível.



Tripulação: 3 militares; transporta 7 de infantaria

País doador: EUA



109

Velocidade máxima: 64km/h

Motor: Diesel

Autonomia: 480 km

Peso: 25 toneladas

Fontes: www.kmweg.com; www.exercito.pt; www.operacional.pt; www.militaryfactory.com; Wikipedia; Reuters; NYT

pequeno país europeu num ano em tempos de paz. São números sem precedentes que estão a colocar uma enorme pressão nos produtores de armas e munições da Europa, agravando os desafios da cadeia de abas-

tecimento e alargando os prazos de entrega de muito deste material.

O mesmo problema está a acontecer nos Estados Unidos. Antes de a Rússia invadir a Ucrânia, a produção do Exército dos EUA de 14 mil projec-

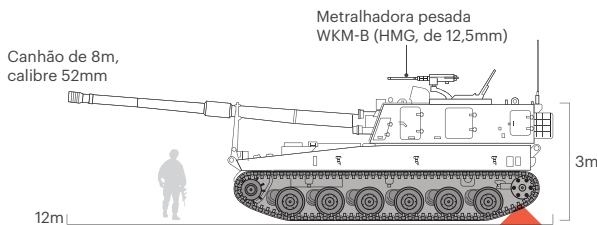


Começam a faltar munições para abastecer o esforço de guerra

a Ucrânia no terreno

Canhão de infantaria AHS Krab

Construído na Polónia, resulta de uma mistura do sul-coreano K9 Thunder e do britânico AS-90. Tem um alcance de tiro de 40 quilómetros.



Tripulação: 5 militares

País doador
Polónia 72

72

Velocidade máxima:
67,6km/h

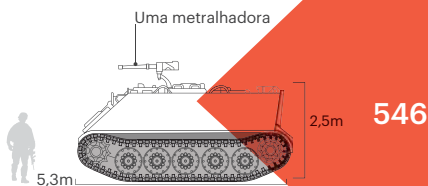
Motor:
Diesel (8 cilindros)

Autonomia:
450 km

Peso:
48 toneladas

Veículo blindado de transporte M113

Não é um carro de combate, mas um veículo blindado que pode transportar tropas, armas ou outro equipamento. Portugal dispõe de vários.



Tripulação: 2 militares;
transporta 11 de infantaria

Países doadores

EUA	300
Alemanha	54
Lituânia	50
Reino Unido	46

Espanha 40
Portugal 28
Austrália 28

546

Velocidade máxima:
67,6km/h

Autonomia:
480 km

Peso:
12 toneladas

PÚBLICO

teis por mês era suficiente para as necessidades dos seus militares. Mas a tarefa de ter de abastecer as forças armadas de Kiev levou o Pentágono a triplicar as metas de produção em Setembro e a duplicá-las novamente em Janeiro, para que pudessem produzir mais de 90 mil projecteis por mês, segundo avançou o *New York Times* no fim de Janeiro.

Também o secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, alertou na semana passada que a guerra na Ucrânia estava “a esgotar as reservas dos aliados”. “O actual ritmo de gasto de munições na Ucrânia é muitas vezes superior à nossa capacidade de produção”, sublinhou, dizendo ainda que o tempo de espera para munições de grande calibre aumentou de 12 para 28 meses. “As encomendas feitas hoje só serão entregues daqui a dois anos e meio”, revelou Stoltenberg, defendendo a necessidade de se “aumentar a produção e investir na capacidade de produção”.

“

Seria de esperar uma guerra travada com armas do século XXI, mas a verdade é que as dinâmicas do século XX continuam muito presentes

Maria Francisca Saraiva
Professora de Relações Internacionais do ISCSIP

Maria Francisca Saraiva avisa que a Europa não tem ainda um programa para aumentar a produção de munições e armamentos de que tanto a Ucrânia como os aliados necessitam. “A possibilidade de uma guerra prolongada poderá comprometer a coesão ocidental e a capacidade de resposta às necessidades militares ucranianas diminuirá certamente na mesma medida, mesmo que a produção aumente”, diz.

Os números sobre o material militar destruído durante o último ano nas linhas da frente são escassos, ainda mais no caso do material bélico russo. O Ministério da Defesa ucraniano divulga, com frequência, dados sobre as “perdas totais de combate do inimigo”, mas não há fontes independentes que verifiquem estes números. Segundo os dados divulgados anteontem, por exemplo, a Rússia terá perdido mais de 3330 tanques, 6500 veículos de combate armados, 2340 veículos de artilharia, 470 sistemas de lançamento de mísseis, 299 jactos militares e mais de dois mil drones.

Patrícia Daehnhardt lembra que o aumento da produção de armamento é um tema difícil de abordar em democracias que têm como prioridade o investimento na educação, saúde, transportes ou habitação, mas reforça que é preciso que os governos comecem a dialogar com as indústrias em breve. “Ao fim de um ano de guerra na Ucrânia, deparamo-nos com a necessidade de ter que garantir o contínuo apoio à Ucrânia, mas também esperamos que os nossos governos consigam garantir a defesa, a segurança das nossas próprias democracias. E isto implica, de facto, uma mudança nas políticas de defesa e, em última instância, um aumento da produção industrial.”

Ainda que manter os stocks e prolongar as ajudas à Ucrânia seja importante para o curso do conflito, Maria Francisca Saraiva refere que também é preciso olhar para o pós-guerra e começar a pensar em medidas para recuperar armas e eliminar o que estiver em excesso. “Os problemas que agora se colocam já foram sentidos na Ucrânia em 2014. Assistimos a um aumento da proliferação das armas ligeiras e de pequeno porte e ainda de munições, inclusivamente para fora das regiões em conflito.” Por outro lado, a especialista diz que a corrida aos armamentos convencionais pode ser um efeito colateral da guerra iniciada há um ano pela Rússia. “Muitos países tenderão a pensar que é necessário um reforço do seu arsenal de armas convencionais. Como a maior parte dos países não produz armas, é expectável que surjam novas armas mais mortíferas e que ocorra um aumento de produção de armamentos com impacto na expansão do comércio internacional de armas. A transferência de armamentos para a Ucrânia pode colocar riscos à paz e estabilidade internacionais.”